

# ESKRÍTICA

Revista ESKRÍTICA 4.ª Edição

Janeiro de 2015

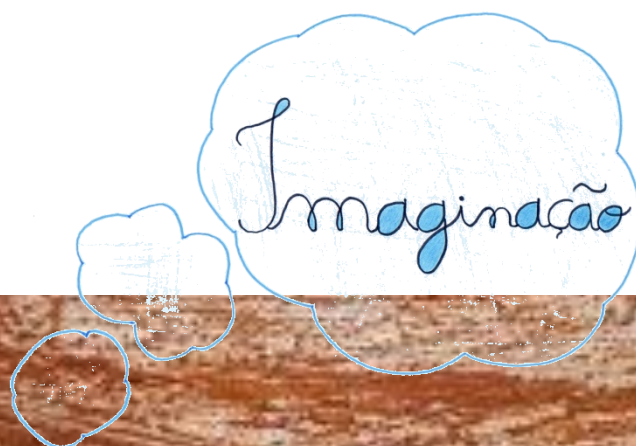
NO CHÃO  
TAMBÉM HÁ

PALAVRAS

Temos a arte para não  
morrer da verdade.

Friedrich Nietzsche

## Imaginação



As palavras são especiais. Fazem-nos aprender e crescer. Sem palavras não havia os textos para ler e não havia poemas, anedotas ou lengalengas para ouvir. Por isso devemos sempre respeitá-las.

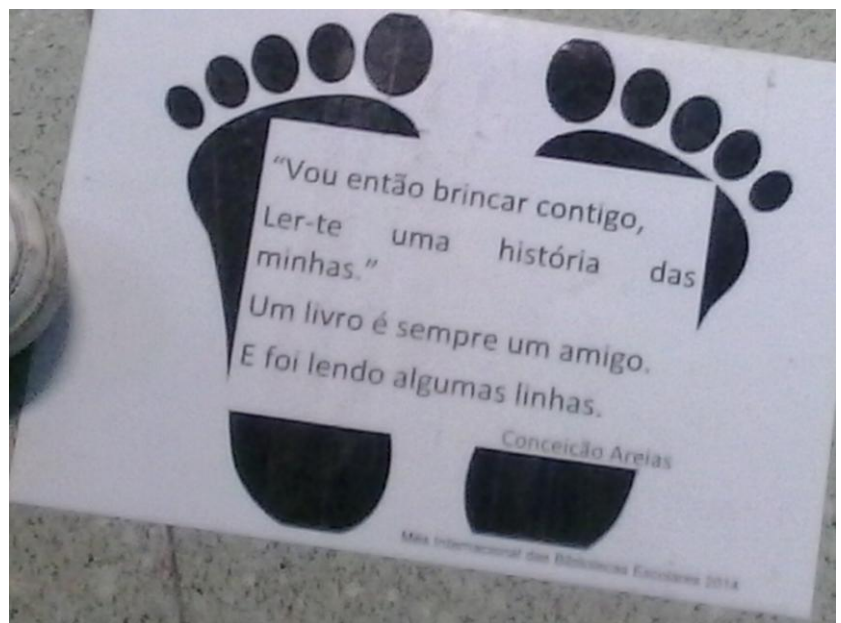
A vida é especial, mas com as palavras torna-se mágica. A imaginação é essencial para começarmos a escrever, podemos escrever qualquer coisa, desde que faça sentido, tenhamos domínio. Coloco a linda caneta preta no papel e sai uma palavra, com esta palavra escrevo um texto, um livro ou uma coleção de livros. Pode ser uma história linda de encantar, ou com um ogre horroroso e verde. Histórias de amor, de terror de aventura, de mistério, pode ser o que tu quiseres.

Só é preciso usar a imaginação. Para um texto lindo escrever. Sem as palavras, não conhecíamos ninguém, não conversávamos, e não aprendíamos coisas novas. Em suma, a vida sem palavras não servia para nada.

Mariana Louro

Milena Nunes

6.º B





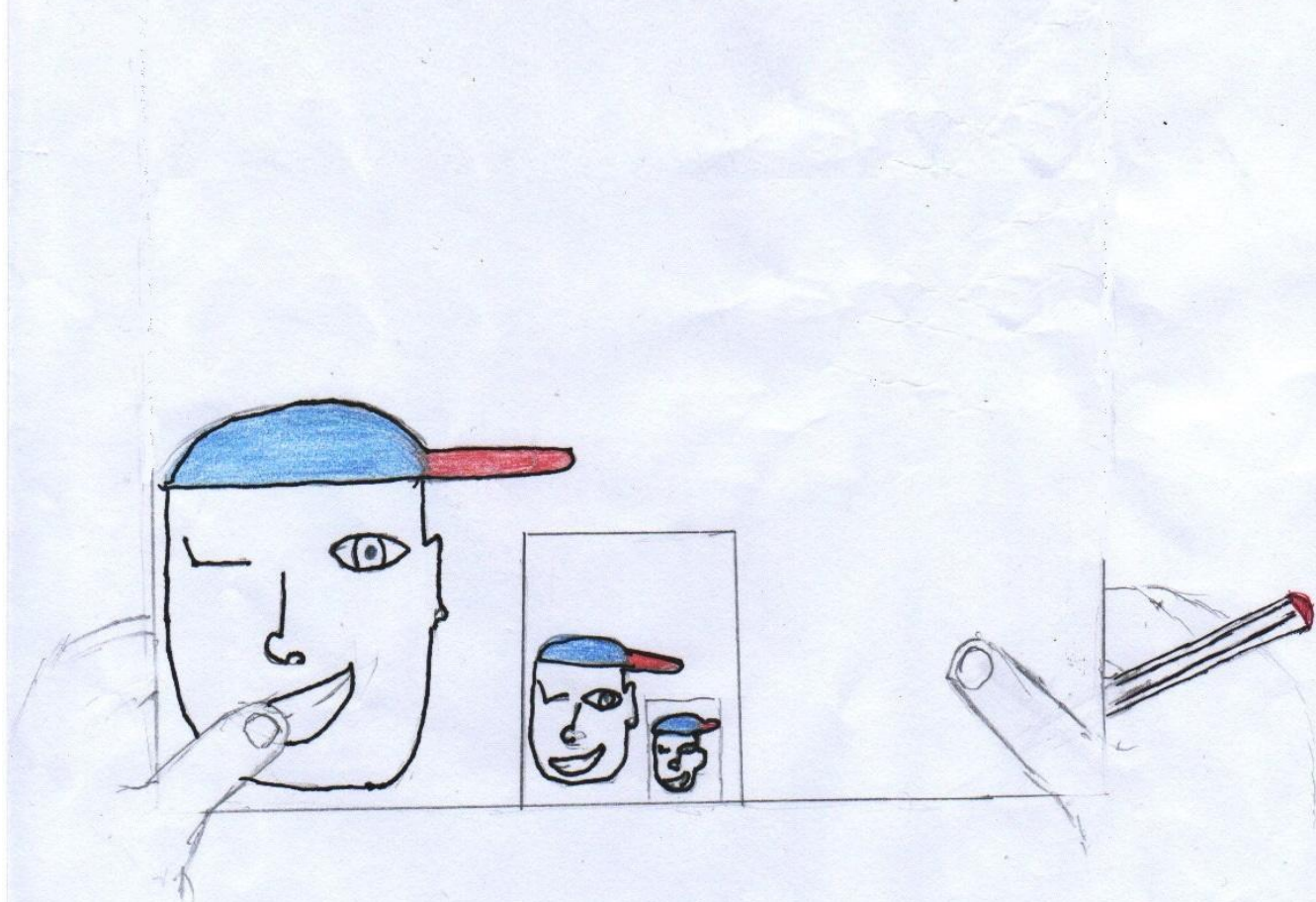
**A aula sem imaginação**  
**(texto sem texto)**

Numa sexta-feira um menino estava numa aula de Escrita em português. Ele tinha de escrever um texto e como não lhe vinha nada à cabeça pensou no título: “Texto sem texto”.

Ele planificou o seu texto e tentou passá-lo para a folha. Mas ficou muito confuso.

"Eu" estava a escrever um texto sobre o que fazia. Eu sei que é muito complicado porque o "eu" da realidade era o "eu" no meu texto e o "eu" do meu texto fazia outro "eu" no seu texto.

Eu estou a escrever um texto em que eu participo, enquanto "o meu eu" escreve um texto sobre o "eu" que escreve um texto.



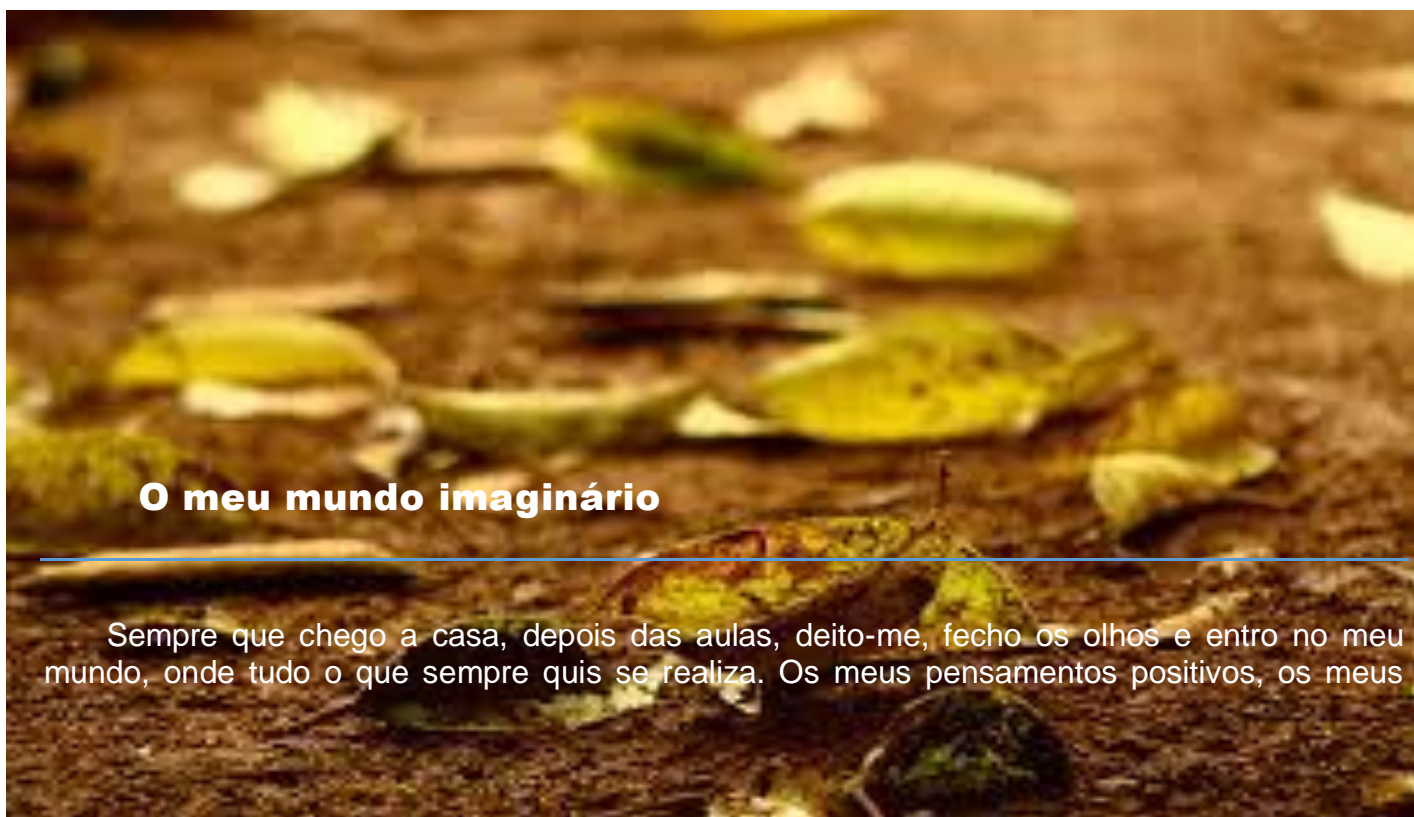
Sandro Costa  
Gabriel Cardoso - Ilustração 6.º C



Como são belas as  
estrelas -disse-lhe ele -  
e quão forte é o poder  
do amor!

Oscar wilde





## **O meu mundo imaginário**

---

Sempre que chego a casa, depois das aulas, deito-me, fecho os olhos e entro no meu mundo, onde tudo o que sempre quis se realiza. Os meus pensamentos positivos, os meus

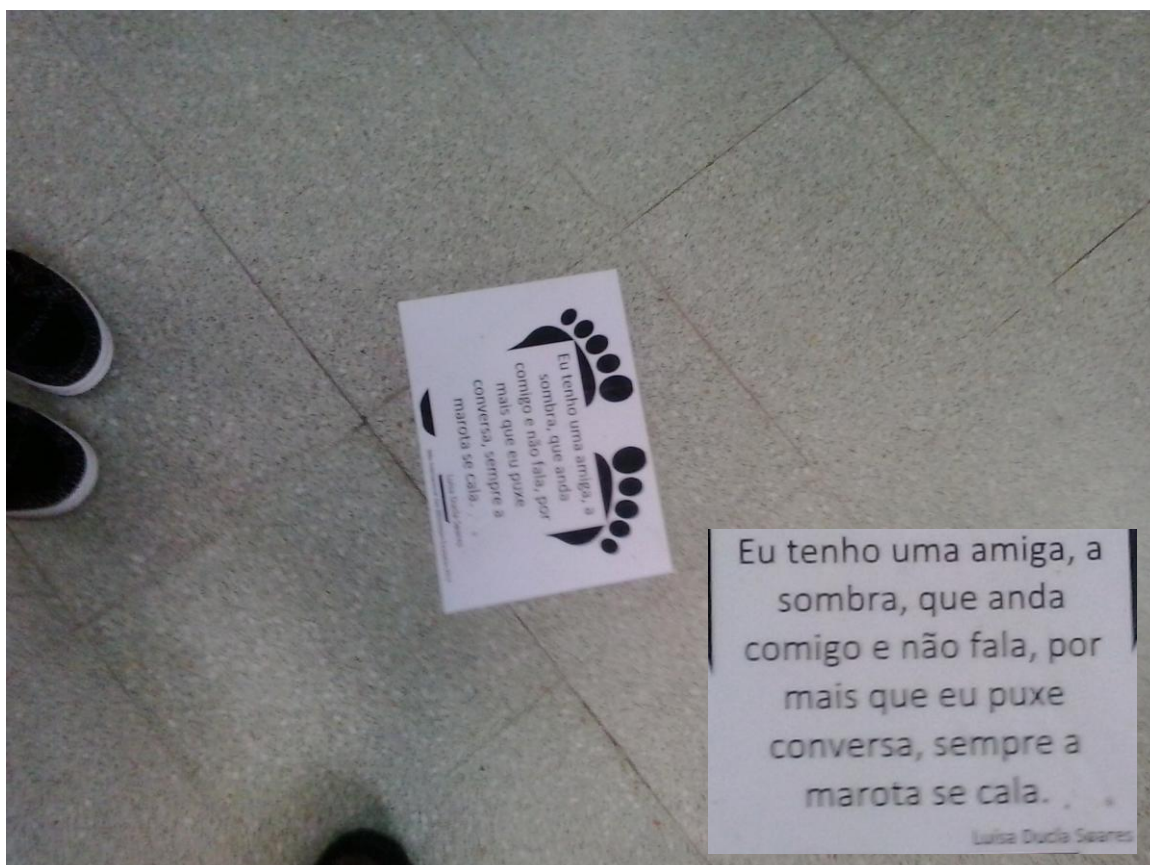


Eu adoro chegar todos os dias a casa e voltar ao meu mundo de sonhos e pensamentos positivos, onde todas as pessoas são verdadeiras e puras. Quando os meus dias correm mal, eu falo com os meus melhores amigos e amigas. São os únicos que me fazem sorrir, e graças a eles criei um mundo onde todos são felizes e livres de fazer o que mais gostam.

A meu ver, todas as pessoas deviam ter um segundo mundo, pois elas veriam como seria o nosso planeta sem as guerras e como seria se não destruíssem o seu bem precioso. O meu mundo imaginário fez-me ver como as guerras são inúteis e a valorizar o que mais nos faz feliz, uma bela amizade ou um amor verdadeiro.

Nunca devemos desvalorizar uma boa amizade, pois os amigos ajudam-nos a superar a maior parte das dificuldades que o verdadeiro mundo nos apresenta.

David da Silva, 8.º F





**Comentário ao livro *Diário de Anne Frank***

O *Diário de Anne Frank* foi um livro espantoso e muito tocante,

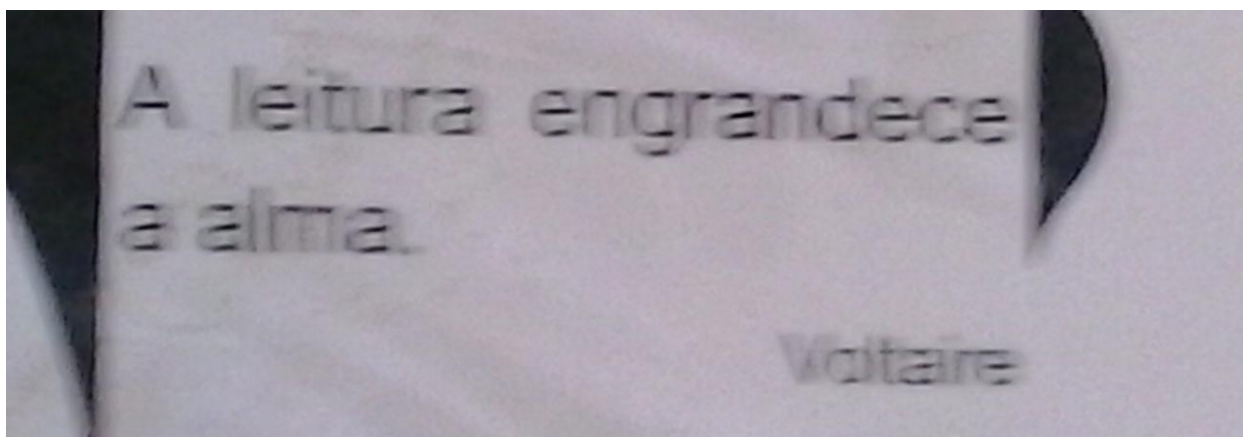
pois haviam momentos surpreendentes e chocantes ao mesmo tempo. Um dos meus momentos preferidos foi quando Anne admitiu ter sonhado com Peter, e admitiu ainda estar apaixonada por ele, o que me deixou totalmente muda. Os laços que cresceram e que, com a sua separação, se estavam quase a romper, ficaram ainda mais fortes. Mesmo sendo um amor platónico.

Anne não tinha muitas atividades no anexo, mas achei interessante ela gostar de ler, falar e partilhar ideias com as pessoas. Acho essa a melhor atividade, socializar, mas claro que guarda as coisas mais íntimas para si mesma.

Se Anne tivesse sobrevivido, gostava de levar a ver um filme, pois, como ela fala e argumenta muito bem, gostava de ouvir a sua opinião sobre o mesmo.

Sobre a liberdade de expressão, penso que cada pessoa tem os seus próprios gostos, crenças e muitas outras coisas, mas se a pessoa em si for boa pessoa, e bonita por dentro, não terei problemas nenhuns em falar com ela e partilhar ideias, mesmo que sejam diferentes.

Beatriz Bernardino , 8.ºA





## O meu mundo

Quando era pequena, os meus avós contavam-me muitas histórias,

mas a minha avó Verónica, era a que as contava com mais pormenores, era a que punha a minha imaginação e curiosidade a voar. A minha avó tinha muita imaginação. Viera da ilha de Cabo Verde e, quando começava a contar histórias, misturava partes verídicas com histórias fantasiosas, como, por exemplo:

- Uma vez, vi um bebé com guelras e com uma cauda! - ou- Ainda me lembro quando uma fada me ajudou a limpar a casa!...

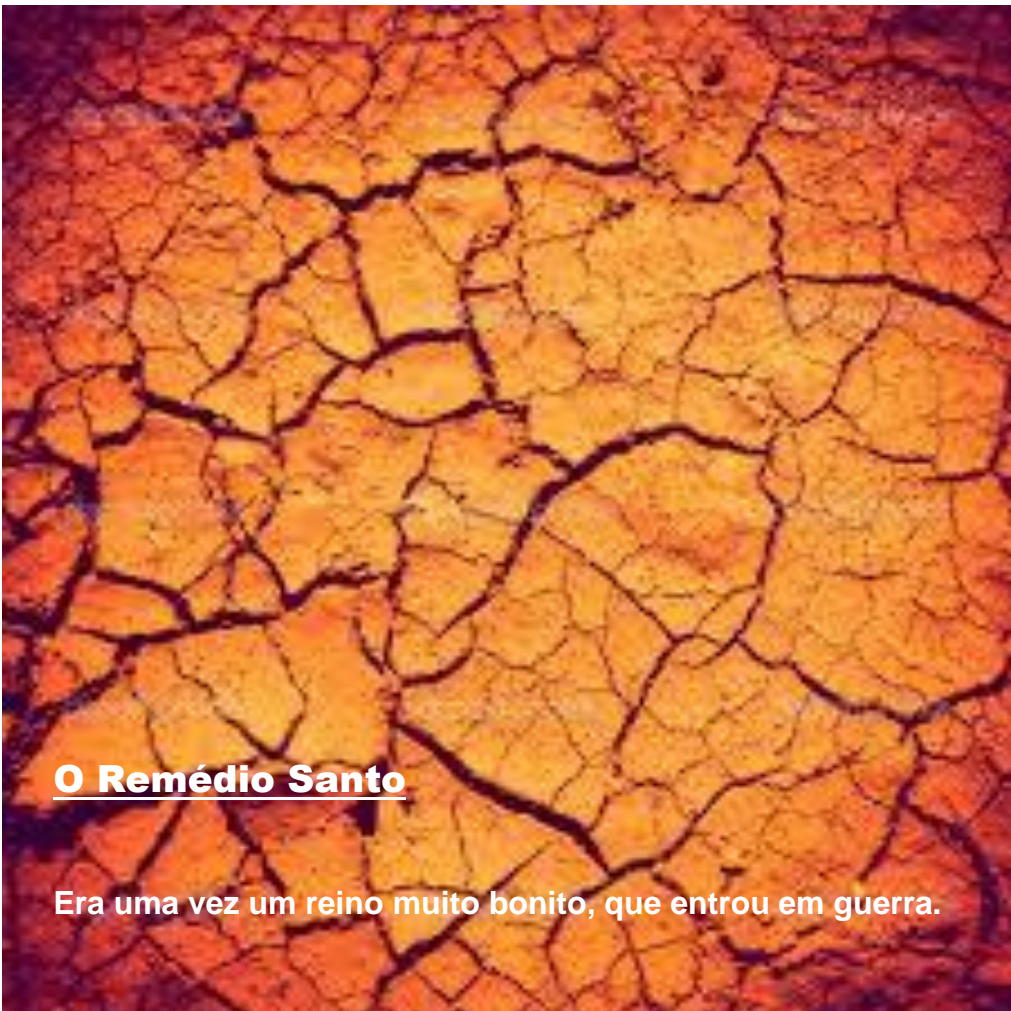
Eu, uma criança curiosa, perguntava mais detalhes, pois, para mim, as histórias nunca tinham fim. Havia, todavia, uma história que me ficava na cabeça. Era a do mundo dos doces. De facto, não era muito interessante, mas abria-me o apetite...

«Uma noite, estava eu no meu quarto, quando algo surgiu. Na minha janela, caíam flocos de neve. Eu abri-a, e algo me puxou suavemente. Comecei então a ver gomas, algodão-doce, pastilhas, todo o tipo de guloseimas. Eu não tinha diabetes, mas só de ver aquilo começava a correr o risco de os ter. No entanto, não me importava! Vi uma paisagem, para uma floresta tropical, com vários animais. Naquele lugar podia correr, brincar com eles e comer as minhas gomas, pastilhas. Pensei que faltavam algumas comidas, como hamburgeres, pizzas, quiches,..., mas, mal eu pisquei os olhos, apareceram-me à frente. Então pensei em voar e voei! Voiei até ao céu! Voiei como os pássaros. Por fim, já estava cansada e pousei. Entretanto vi um cavalo selvagem lindo (um cavalo igual ao cavalo do livro “A princesa do Deserto”), que veio direito a mim. Senti-me especial, por ser a única a tocar no seu pelo mágico. Saltei para cima dele e andei a galope. Troc, troc... ouvia eu o som das patas do cavalo a baterem no chão. Sentia o vento, sentia-me livre. Tenho a certeza que ele também o sentia!»

De repente, comecei a ouvir música do Justin Bieber e lembrei-me que era o meu despertador! Acordei e fiquei desiludida, pois tudo não passava de um sonho. Todas as noites tentava sonhar com o mesmo sonho... mas não conseguia! Aquele sonho parecera tão real, que podia jurar que aquele cavalo era meu, que era como um pássaro livre.

Catarina Freitas, 9.º C





**O Remédio Santo**

Era uma vez um reino muito bonito, que entrou em guerra.

Era uma vez um reino muito bonito, que entrou em guerra. Quando um jovem soldado ia ser mandado para a guerra, esta tinha acabado e ele ficou furioso. Ele queria uma aventura. Ele preparou-a durante uma semana.

No dia antes de partir, o seu pai adoeceu gravemente. Era uma doença estranha, para a qual só havia um remédio: uma bebida escondida nos confins do mundo. O jovem preparou-se apetrechando o seu cavalo para ir para Norte, para um reino longínquo que continha todos os tesouros possíveis e imaginários, entre os quais, o remédio para a doença do pai.

O jovem soldado já tinha atravessado meio planeta, quando se lembrou que devia ter ido por outro caminho. Por aquele, ia encontrar um grupo de ladrões muito famosos que nunca tinham deixado um alvo fugir. É por isso que se dizia que eram a quadrilha mais rica do mundo. Ao pensar nisto, o jovem soldado sentiu-se derrotado, era caso para isso. Já estava há muito tempo em viagem e, agora, encontrar esta quadrilha significava ficar sem nada no meio do nada.

Ele demorou até elaborar um plano decente. A opção mais óbvia era subir o monte e flanquear a quadrilha. Mas, com essa opção, se o detetassem, significava uma perseguição monte acima de quatro para um. A outra opção era mais arriscada: tinha de deslizar pelo penhasco e subir de volta para a estrada. Desta forma, ia ser mais seguro passar pelos ladrões, mas deslizando pelo penhasco havia cinquenta por cento de hipóteses de partir alguma coisa e, partindo um osso, ia ser complicado subir de volta à estrada.

Levou tempo a decidir, mas escolheu a mais radical. Deslizou pelo penhasco e, quando chegou ao fundo, deu graças a Deus por estar inteiro. E, por enquanto, nem sinal da quadrilha. Andou mais ou menos dois quilómetros até avistar um caminho de volta à estrada. Voltou à estrada e entrou para a história ao ser o primeiro a escapar àqueles ladrões.

Mal chegou aos confins do mundo, ficou espantado ao observar uma cidade que, nos seus sonhos, era uma linda metrópole com castelos e palácios. Era, na verdade, uma aldeia enfadonha com casas de colmo. De espantoso apenas uma mansão que mais parecia uma casa assombrada. Tinha um pressentimento de que era ali que estava o remédio. Avançou para as portas de ferro já ferrugentas. Bateu duas vezes. Ninguém abriu. Tentou empurrar a porta e esta abriu-se. Ouvia barulhos ao fundo da casa. Foi ver o que era. Nada viu, exceto um pequeno baú. Abriu-o e viu um pequeno frasco de vidro com uma bebida avermelhada. O jovem soldado sorriu ao perceber que encontrara o remédio para a doença do pai. Felicidade que pouco durou, já que mal se virou ouviu uma voz maluca e sentiu o seu corpo imobilizado.

O jovem soldado acordou e sentiu o corpo preso. Abriu os olhos e viu um feiticeiro louco com o remédio na mão. Fez um grande discurso sobre o remédio: tinha sido ele quem o inventara, que não devia sair de sua casa, pois quem tinha aquela doença tinha uma praga sobre si e que devia de morrer. Se o jovem soldado já não gostava do facto do feiticeiro o ter imobilizado, ser tão chato na forma como falava, foi a gota de água. Aproveitou, quando o feiticeiro se distraiu, e com toda a sua força para se libertar do feitiço, roubou a varinha do feiticeiro e lançou-lhe fogo. Feliz por sair daquele sítio, pegou no remédio e começou a jornada de volta a casa, lembrando-se que desta vez seguiria o caminho contrário à quadrilha.

Mas, pelo meio do caminho, enganou-se e seguiu pela montanha, já que era impossível subir o penhasco. Por sorte, não foi apanhado e pôde, finalmente, chegar a casa.

Mal chegou, correu para o quarto do pai e deu-lhe a beber o remédio. Este bebeu-o e melhorou imediatamente. O pai olhou para o filho, lacrimejou, fungou, abraçou-o e apenas conseguiu dizer uma palavra: “obrigado”.

Diogo Ramos, 7.ºC







**Parece impossível mas sou uma nuvem**

Vejo muitas vezes uma nuvem ao pé do sol e eu ao pé da minha

amiga. Sou fofa como a nuvem, mas quando não quero, não sou. Sou branca como a nuvem e como a Branca de Neve. Sou o sonho de qualquer um que me veja, tal como uma nuvem no céu.

Tenho várias maneiras de ser, como uma nuvem várias formas: um barco, um navio, uma fada ou uma maçã.

A nuvem faz chuva, quando está triste, ou trovoada, quando está zangada. Viaja à volta do mundo, vai até onde quiser: à China, à França, onde for parar.

Meninas deitam-se na relva para a apreciar, a mim, os rapazes na escola não param de me olhar.

Sou parecida com uma nuvem, mas ser humana também é bom. A vida de nuvem é mais calma, no céu a relaxar, e lá para baixo sempre a olhar.

Ser uma nuvem até que é bom, viver em liberdade no céu. Têm sempre o seu melhor amigo por perto, o sol, que me dá brilho para eu ser feliz. Parece impossível, mas sou... uma nuvem.



Ana Isabel Albuquerque, 7.º E



**O espírito de Natal**

A época natalícia é muito desejada. É altura de enfeitar as casas, de comer o bolo-rei, as rabanadas, os frutos secos e também dos “sonhos”...

No Natal, recebemos as prendas e muitas vezes reencontramos a família mais afastada. O sentimento de saudade está presente quando nos lembramos daqueles que já partiram.

O Natal é solidariedade, felicidade, sinónimo de partilha, de amor, de respeito... É um dia inesquecível, muito especial e no céu os sinos tocam em sinal de alegria. Ninguém deve ficar indiferente ao espírito de Natal. Mostramos o quanto gostamos de alguém, deixamos as tristezas para trás.

É este o espírito de Natal que nos deve acompanhar todos os dias!

Pela turma F do 5.º Ano





## **A NOSSA NAU CATRINETA**

Lá vem a Nau Catrineta  
que tem muito que encantar...

## A NOSSA NAU CATRINETA

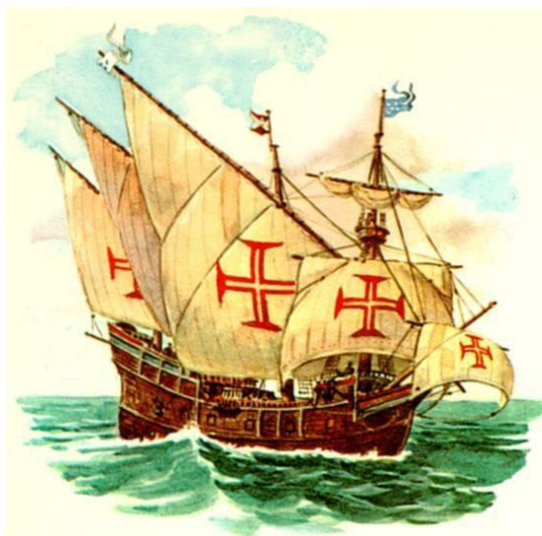
Lá vem a Nau Catrineta  
que tem muito que encantar...  
ouvide, agora meninos,  
a história que vou contar.

Já passava muito tempo  
que andavam a navegar,  
tinham muito que comer  
E muito que mastigar.

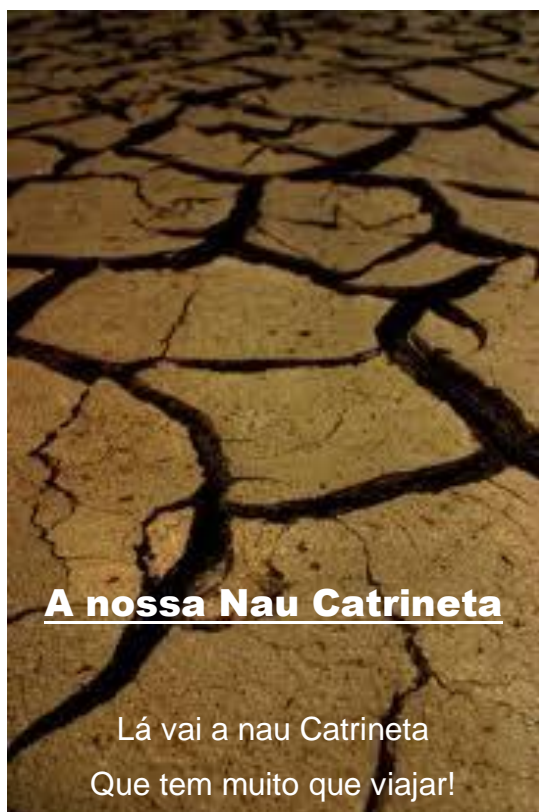
Queriam voltar a terra  
para com a família estar...  
- Chega desta brincadeira!  
Acabou-se a volta do mar.

- Baleia assassina no mar,  
vamos todos morrer!  
Gritou o capitão general,  
com as pernas a tremer.

Destruiu a nossa nau,  
e todo o nosso comer.  
Mas a vida é mesmo assim,  
acabamos sempre por sofrer!



Micaela Silva, 6.ºF  
Ricardo Traça, 6.ºF



### **A nossa Nau Catrineta**

Lá vai a nau Catrineta  
Que tem muito que viajar!  
Ouvi agora uma história  
que vos vai fazer pasmar!

Ninguém sabe quando irão voltar...  
Mulheres preocupadas com maridos,  
Que nas naus podem afundar.  
E nem Deus os poderá ajudar!

Nas mais terríveis marés  
muitas aventuras terão,  
mas os perigos não os assustarão!

Marinheiros sempre a navegar,  
nunca param para descansar...  
Porque se parassem de trabalhar,  
o capitão atirava-os ao mar!



Demónio disfarçado de marinheiro  
a alma do capitão quer levar,  
mas desce um anjo  
que ao capitão vai ajudar.

O demónio era poderoso  
e o anjo não pôde ajudar,  
o capitão deixou cair a espada  
onde o demónio foi tropeçar...

Capitão espantado  
com o que estava acontecer,  
reparou que afinal  
já não ia morrer!

Ao seu destino chegaram  
sem mais perigos correr,  
mas a sua única comida  
foi só e sempre o atum!

Catarina Oliveira, 6.ºD  
Carolina Ferreira, 6.ºD



## **A nossa nau Catrineta**

Ouçam agora meus meninos  
Este conto de pasmar...



Cá está a nossa nau Catrineta  
que tem muito que nos contar.

Passavam mais de anos e dias  
Que iam na volta ao mar  
Já não tinham que comer  
Nem tão pouco que beber.  
Puseram a lata de molho  
Para no dia seguinte manjar  
Mas tão rija era a lata  
Que não a puderam trincar  
Quiseram tirar à sorte  
Quem se havia de matar...  
Caiu a sorte ao capitão-general.  
Começou logo atrapalhado  
sem ter muito que contar  
até que se lembrou e... começou a gritar:  
- Há latas de feijão,  
Lá em baixo, no porão...  
Um marinheiro exclamou:  
- Andais a mentir-nos  
há mais de sete anos e dias???  
O capitão, a mudar de assunto, diz:  
- Gajeiro, avistas terras de Espanha,  
areias de Portugal???  
O gajeiro responde:  
- Não vejo terras de Espanha,  
areias de Portugal,  
mas vejo nove espadas nuas  
que estão para te matar  
E lá foi o capitão – general  
para outro mundo, p'ra lá do mar...  
De: Alessandro Aguiar, n.º1, 6.º E

Carolina Sequeira, 6.º E



**O nosso abecedário sem juízo**

A é o André, a beber água com o pé.  
B é o Bruno, vai a fugir dum gatuno.  
C é a Camila, com corpinho de gorila.  
D é o Daniel, come laços de papel.  
E é a Ester, que nunca usa talher.  
F é o Frederico, que está sentado no penico.  
G é o Gonçalo, já hoje levou um estalo.  
H é a Helga, que foi picada por uma melga.  
I é a Inês, a dar beijos num chinês.  
J é o João, que põe ratos dentro do pão.  
L é a Luísa, que vai para a rua sem camisa.  
N é o Norberto, que gosta de se armar em esperto.  
M é a Maria, que só dorme todo o dia.  
O é a Olga, que está sempre de folga.  
P é a Paula, que tira bananas da jaula.  
Q é o Quim, que meteu a mão no pudim.  
R é a Raquel, que se besunta com o mel.  
S é a Sara, com dez borbulhas na cara.  
T é o Tiago, a pescar botas no lago.  
U é o Urbino, que sofre do intestino.  
V é a Verónica, que tem *preguicite* crónica.  
X é o Xavier, que usa roupa de mulher.  
Z é Zulmira, que na aula dança o vira.  
De : Carolina Madeira, n.º 5, 5.º C



Ester Gomes, 5.º C

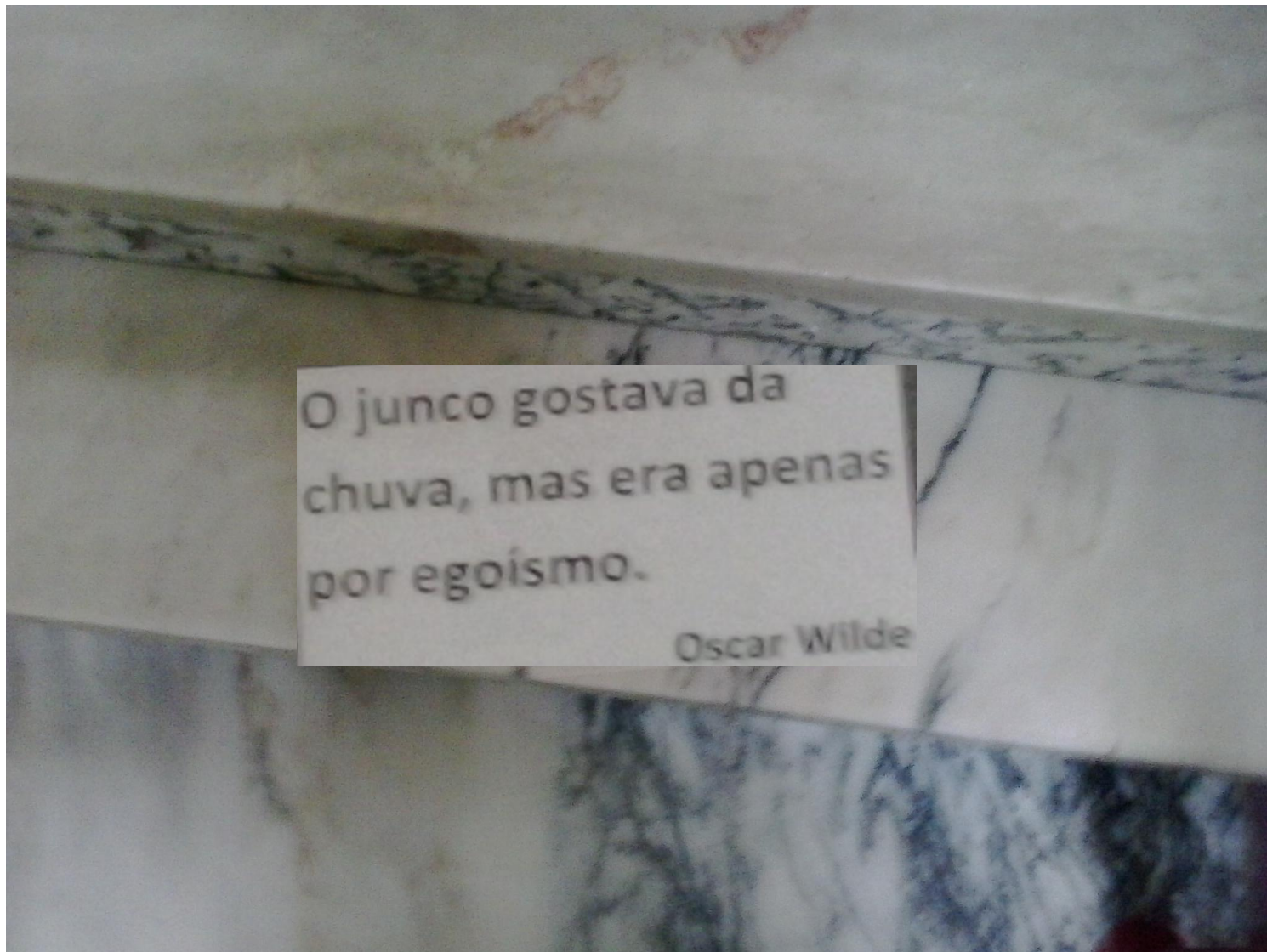


**Amizade de cão**

O meu cão faz-me sentir muito feliz. Quando estou com ele, brinco, corro, salto, enfim... É o rafeiro mais “fixe” do mundo! Trato-o com respeito e amizade, por isso, pela manhãzinha, vou passear com ele, mas nunca me esqueço do “saquinho”. Quando chega a hora de comer, lá vem ele a ladrar e a abanar a cauda, pulando de alegria.

As suas lambidelas, como sinal de afeto, são o maior sinal desta amizade de cão!

Pela turma E do 5.º Ano

A photograph of a book cover with a white sticker. The sticker contains a quote in Portuguese. The background of the book cover is a light-colored, marbled paper with a pattern of dark, swirling lines. The sticker is rectangular and has a thin black border. The text on the sticker is in a simple, sans-serif font. The quote is: "O junco gostava da chuva, mas era apenas por egoísmo." Below the quote, the name "Oscar Wilde" is printed in a smaller font. The book cover is slightly worn, with some faint red markings at the top.

O junco gostava da  
chuva, mas era apenas  
por egoísmo.

Oscar Wilde



## **A Cidade do Bem**

Era uma vez um cavaleiro que andava pelo mundo no seu cavalo branco e alado. Ele chamava-se Diogo e o seu cavalo era o Pegasus. Juntos, eles percorriam milhões e milhões de quilómetros para levarem a paz a todos.

Todos lhes agradeciam e, por onde passavam, eram recompensados pelos seus atos heroicos. Apesar deles apenas quererem sorrisos e alegria por fazerem o bem, eram recompensados com presentes...

Porém, um dia chegaram a uma cidade chamada Trevas do Mal, onde as pessoas apenas queriam o mal e onde reinava a desordem. Parecia uma missão difícil fazer com que a paz reinasse ali; mas, não era impossível.

Os nossos dois heróis viram uma pequena flor à entrada da cidade, o que lhes deu uma ideia. Chamaram todos os aldeões lá e o cavaleiro disse:

- Veem esta pequena flor? Ela simboliza a paz. Todavia, vocês estão a ignorá-la! Vocês deviam amá-la e serem como ela: simpática. Deviam deixar o mal num buraco e nunca mais o voltarem a soltar.

As palavras do nosso herói tocaram nos corações dos aldeões, e assim aquela cidade passou a chamar-se Cidade do Bem.

Os nossos heróis venceram outra vez, e assim continuaram a sua viagem pelo mundo, levando a paz a todos.

Fim

Maria Inês Diogo, 7.ºA







**A MENINA FEIA**



A menina feia  
tem dentes de rato  
e peles de centopeia,  
mais parece um gato.

A menina feia  
tem olhos de macaco  
e nariz achatado  
à moda de um sapo.





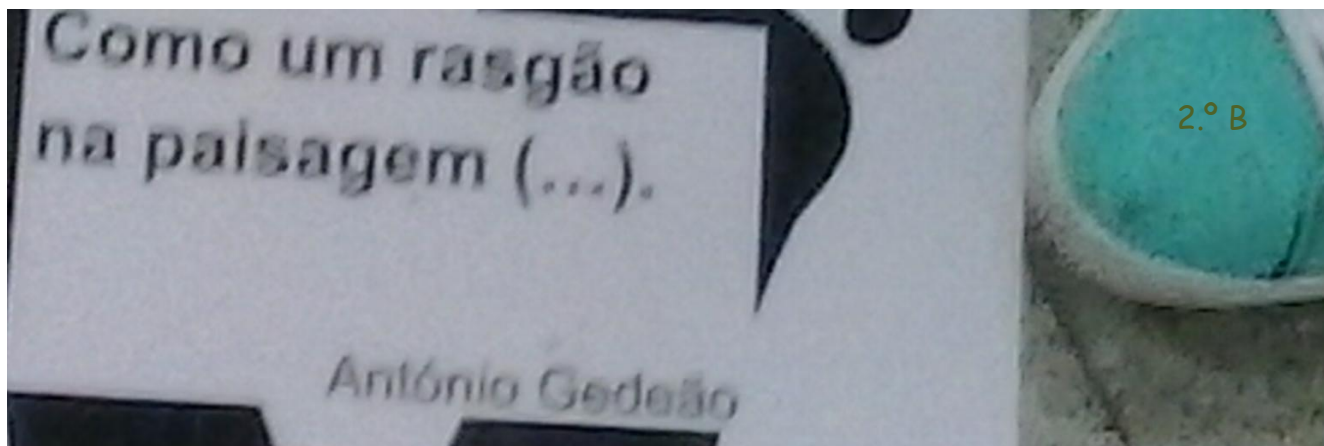
**ACRÓSTICO**

Soldado romano

Aventureiro e amigo dos pobres

O orgulhoso de ser soldado

M artinho encontrou um mendigo  
A tremer de frio  
R asgou a sua capa e cortou-a ao meio  
T ransformou-se o tempo num dia de sol  
I mediatamente foram compensados  
n ovembro nunca mais foi o mesmo  
H oje comemora-se o dia de S. Martinho  
O dia 11 de novembro





**Biopoema**

Chamo-me Margarida,  
sou muito sonhadora

e gosto de ser quem sou.  
A minha família é incrível!  
Tenho sorte numas coisas  
e azar noutras.  
Quando estou contente,  
gosto de sorrir.  
Quando estou triste,  
vou para a cama recompor-me.  
Se pudesse, gostava de poder voar!  
Vivo na Sobreda,  
a minha casa é simples.  
Quando for adulta  
quero ser modelo como a minha mãe.  
Gosto de ser feliz!

Margarida Ribeiro, 5.º ano A





**Laura**

O meu nome é Laura

Eu sou bonita, desportiva, simpática e divertida.

Eu tenho uma irmã chamada Inês

O meu pai é Ricardo

E a minha mãe é Sandra.

Gosto de ler, brincar e escrever.

Gosto de ver televisão, ver vídeos no *YouTube* e ver trabalhos antigos.

Gosto de comer pizza, macarrão e waffles de chocolate.

Quando estou contente, brinco, oiço músicas dos *One Direction* e corro muito.

Quando estou triste deito-me na cama e jogo no *tablet*, telefono às minhas amigas e vejo televisão.

Quando estou com medo tremo, grito e encolho-me.

Preciso de mimos, ter boas notas e coisas “*One Direction*”.

Dou mimos à minha mãe e ao meu pai, prendas aos meus avós e alegria à minha família.

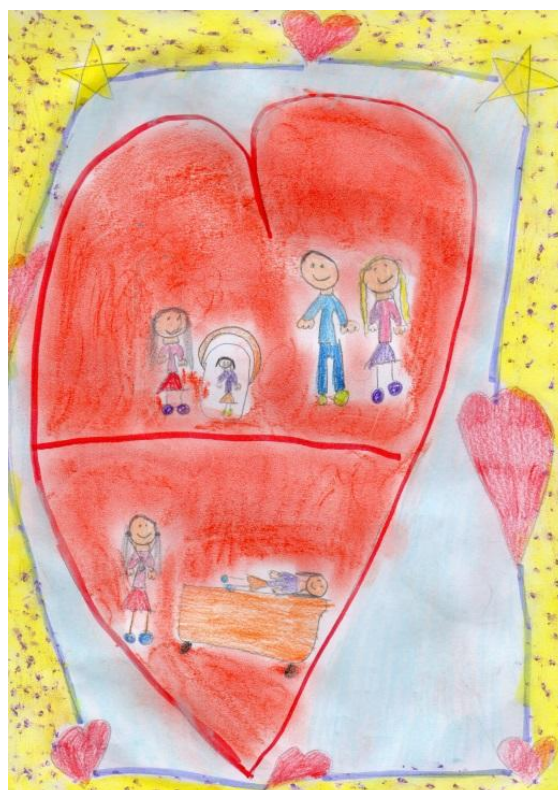
Eu tenho medo de tubarões, do escuro e do fim do mundo.

Gostava de ir a Paris, Miami e Angola.

Gostava de ter a “*Moni Bonita*”, o boneco do Liam e tudo o que existe dos “*One Direction*”.

Gostava de ser rica, atriz e pediatra.

Eu moro na Sobreda.







**Tomás Muchagata**

Eu sou divertido, amigo, companheiro e ativo.  
Irmão de Tiago, filho de Armando e Mónica.

Gosto de fazer jogos, brincar e jogar consola.

Gosto de ver filmes no cinema, televisão e da natureza.

Gosto de comer hamburguer, frango e salsichas.

Sinto-me feliz quando estou com amigos e os meus pais.

Preciso de companhia, carinho e de ter boas notas.

A todos os meus amigos: ajudo, faço com que eles riem e estejam divertidos.

Tenho medo de cobras, da pobreza e do vírus do ébola.

Gostava de ir ao Brasil, de ter muito dinheiro e de ser das tropas de Elite.





**MIGUEL OLIVEIRA**

Sou simpático, inteligente, guloso e alto.  
Sou irmão de Filipe e filho de Paulo e Josefa.

Gosto de fazer natação, fazer amigos e artes marciais.

Gosto de ver vídeos, ver televisão e ver o universo.

Gosto de comer gelados, pudim e chocolates.

Quando estou feliz sinto-me energético, empenhado e corajoso.

Quando estou triste sinto-me aborrecido, sozinho e doente.

Preciso de amigos, de alegria e de companhia.

Dou presentes à família, alegro os amigos e dou mimos à mãe.

Tenho medo de “zombies”, tornados e cobras.

Gostava de ir ao Brasil, de ter um cão e de ser mais rápido a correr.





## **FILIFE OLIVEIRA**

Eu sou divertido, engraçado, rápido e inteligente.  
Sou irmão de Miguel e filho de Paulo e Josefa.

Gosto de jogar futebol, PlayStation3 e andar de bicicleta.

Gosto de ver vídeos, ver televisão e ver os carros de corrida no autódromo.

Gosto de comer hamburguer, gelado e pizza.

Estou contente quando estou com a minha família, com os meus amigos e quando faço rir as pessoas.

Estou aborrecido quando estou sozinho, quando não tenho nada para fazer e quando estou de castigo.

Preciso de companhia, de amigos e de muita alegria.

Dou mimos à minha mãe e ao meu pai, apoio os meus amigos e dou presentes à família.

Tenho medo do escuro, de ficar sem os meus pais e sem o meu irmão e de ladrões.

Gostava de viajar, de ir a um «aquashow» e ir ao evento «Tu Fazes».

Gostava de ter um novo computador, ter uma vivenda e ter um cão.

Gostava de não ter “mau perder”, ser dono de uma empresa multimilionária e ser alto.

Vivo em Santa Marta do Pinhal.





**Matilde Martins**

Sou alegre, divertida, fofinha e rápida a correr.  
Sou filha de Tânia Gomes e de Ricardo Martins.

Gosto de fazer bolinhos, ler e de brincar com os meus cães e gatos.  
Gosto de ver televisão, pessoas a dançar e palhaços a festejar.  
Gosto de comer esparguete, carne e alface.  
Quando estou contente apetece-me brincar, ir passear e de nadar.  
Quando estou triste, sinto-me mal, aborrecida e sozinha.  
Preciso de carinho, amor e de cuidado.  
Dou amor às pessoas e faço bolinhos para animar a minha família.  
Tenho medo de aranhas, cobras e de tubarões.  
Gostava de ir a Paris, de fazer anos todos os dias e de ter uma casa na Madeira.  
Moro na Charneca da Caparica.







### O camponês e o amuleto

Era uma vez um camponês pobre que sonhava em alcançar a riqueza

e o respeito. Vivia numa grande cidade, repleta de gente rica, de plantações e comércio abundante.

Com pouco dinheiro, quase nenhum, um dia, foi a uma feira, com a ideia de conseguir comprar algo.

- Desculpe, gostaria de comprar esta alface – disse o camponês, pensando que conseguiria ter uma grande plantação.

- Cinquenta paus. – disse o vendedor.

- Eu apenas tenho cinco paus.

- Nada feito, meu senhor. Mas posso sugerir esta bugiganga. Três paus.

O camponês olhou para a tal bugiganga e, apesar de não lhe servir de nada, achou-a bonita e comprou-a.

Voltou a casa, uma pequena cabana com um tapete para dormir, o chão de terra e uma lareira. Assim que pousou a bugiganga, esta começou a brilhar. Espantado, olhou para ela e voltou a pegar-lhe. Quando lhe tocou, caiu num sono profundo...

Durante esse sono, começou a ter um sonho: nessa cidade havia um pequeno riacho cheio de prata no leito. Mas onde seria?

Acordou e tomou toda esta história como um simples sonho. Procurou a bugiganga, mas não a encontrou em lado nenhum. Apenas encontrou dois paus em cima do tapete. Significava que a bugiganga existia.

No dia seguinte, foi ao mercado para fazer perguntas ao tal vendedor, sobre o “amuleto”. Mas, quando chegou à cabana do vendedor, esta estava vazia. Aproximou-se uma mulher e disse:

- Era do meu marido. Morreu, ontem, depois de ter comido uma alface estragada. – E saiu a chorar.

O camponês foi ao cemitério, velar o vendedor. Quando, finalmente, encontrou a sua lápide, tocou-lhe e, da terra, saiu o amuleto.

- Que estranho! – pensou ele.

Pegou nele e voltou para casa, ainda com o sonho de, um dia, alcançar a riqueza e o respeito.

Nessa noite, sonhou com algo muito estranho... sonhou que havia dez amuletos vendidos por dez diferentes vendedores e que todos haviam morrido. Mas não só... sonhou que uma enorme moreia protegia o pequeno riacho que ele tinha visto no outro sonho.

Acordou, olhou para o tapete e estava lá o amuleto. Já farto de ter sonhos tão estranhos enterrou o amuleto, donde, pensava ele, vinham os seus sonhos.

Voltou a casa e, de novo, estava lá o amuleto. Queria parti-lo! Assim que lhe pegou, voltou a adormecer. Desta vez, sonhou que oito dos homens que tentaram alcançar o tesouro, tinham morrido por casa da moreia.

Nesse mesmo dia, encontrou um vasto feixe de lenha, no meio de floresta. Pegou no máximo que conseguia e levou-o para casa.

Já de noite, acendeu uma fogueira, pois estava com frio. No encalce da coisa, atirou o amuleto para o fogo. Este começou a brilhar, a levitar e a tentar sair da tenda. Parecia que queria guiar o camponês para algum lado.

Abriu a tenda e, depois de andar algumas centenas de metros, encontrou um riacho muito brilhante. Nesse momento o amuleto desfez-se em pó.

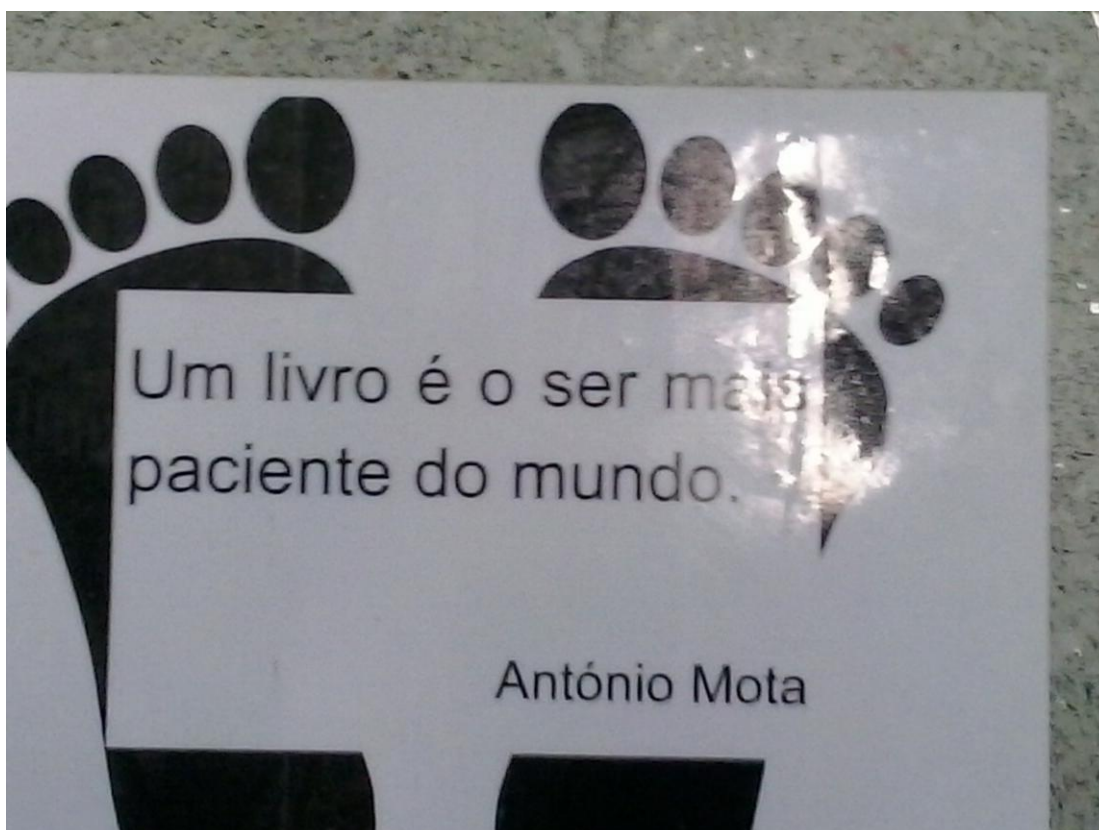
- A prata...! Deve estar aqui!

Começou a correr, mas um homem impediu-o de alcançar o riacho. Esse mesmo homem saltou para o riacho e tirou toda a prata existente no seu leito. Mas, quando ia a subir à tona, a moreia eletrificou-o e ele acabou por morrer afogado. O camponês agarrou na prata e fugiu, antes que a moreia o mordesse.

Voltou para a cidade. Usou toda a prata para comprar uma casa nova e alcançou o respeito de todos.

Um dia, reencontrou o amuleto e levou-o para casa. Nesse dia, teve o sonho da sua antiga vida, que era bem melhor do que aquela que tinha agora. E quando acordou ficou feliz...

*Gonçalo Manuel Neves Coelho, 7.ºD*





## **O MEU BIOPOEMA**

Chamo-me Carolina,  
tenho 12 anos,  
sou gira, divertida e alegre.

Quando estou feliz,  
ando de bicicleta, corro e desenho.  
Quando estou triste,  
fecho-me no quarto e choro.  
Gosto de passar os dias com os meus animais.  
Se pudesse, gostava de salvar  
todos os animais do mundo!  
Vivo com o meu pai numa vivenda antiga,  
tenho três quintais.  
Quando for adulta,  
vou viver para Paris,  
vou ser veterinária  
e adotar um buldogue francês.



Maria Carolina Cruz, 5.º B





## **O Monstro**

Passava os dias a perseguir-me. De manhã à noite, até durante a tarde, o pensamento

perseguiu-me. Eu sentia o silêncio na minha casa, só ouvia os meus próprios passos a passar por cima da madeira. À noite deitava-me a pensar nela, no que me poderia acontecer... O que ela me fará? E qual será o sentimento?

Pensei em pedir ajuda, mas o que pensariam as pessoas?

Fazia de tudo para tentar tirar aquele silêncio da minha cabeça: saía com os meus amigos, ia ao cinema, ia ao ginásio e ouvia música, mas nada disso me ajudava. Sentia que o dia se aproximava; a cada dia que passava o silêncio era maior. Psicologicamente estava fraco, já não me levantava. Pensava na morte da minha mulher o que ainda fazia pior.

A cada dia que passava, perdia pensamentos, perdia rotinas, perdia funções e perdia família e amigos.

Já nada me agarrava ao mundo, não tinha família, amigos eram poucos e já nem eu próprio me ajudava.

Fui a um psicólogo pois queria respostas para o porquê de passar os dias a sentir o silêncio a destruir-me por dentro. Falei com o psicólogo e a única resposta que ele me deu foi: “Ela aproxima-se”.

Passaram-se semanas, e eu cada vez mais fraco e sem saber o que fazer.

Chegou dia treze de novembro, fui-me deitar e, mal fechei os olhos, ela apareceu: a morte.

Miguel Pereira 8.ºC





**O tesouro**

Era uma vez uma princesa que vivia num enorme palácio,



com a sua família e os seus empregados.

A princesa vivia no luxo, era ouro para aqui e ouro para acolá, riqueza e abundância de tudo, mas ela sentia que precisava de algo mais especial: o amor de um príncipe.

Então ela resolveu fazer uma viagem a Londres, para encontrar o seu príncipe encantado. Na manhã de um de dezembro, ela pegou no seu cavalo e cavalgou até começar a ver Londres.

Quando lá chegou, estava muito cansada e também cheia de fome. Então procurou o castelo do rei de Londres. Quando o encontrou, pediu para falar com o rei e ele recebeu-a de braços abertos. Ela explicou-lhe o que tinha acontecido e o rei, muito espantado com a coragem da princesa (por vir até Londres sozinha), exclamou para os empregados:

-Arranjem de beber e comer à princesa!!!

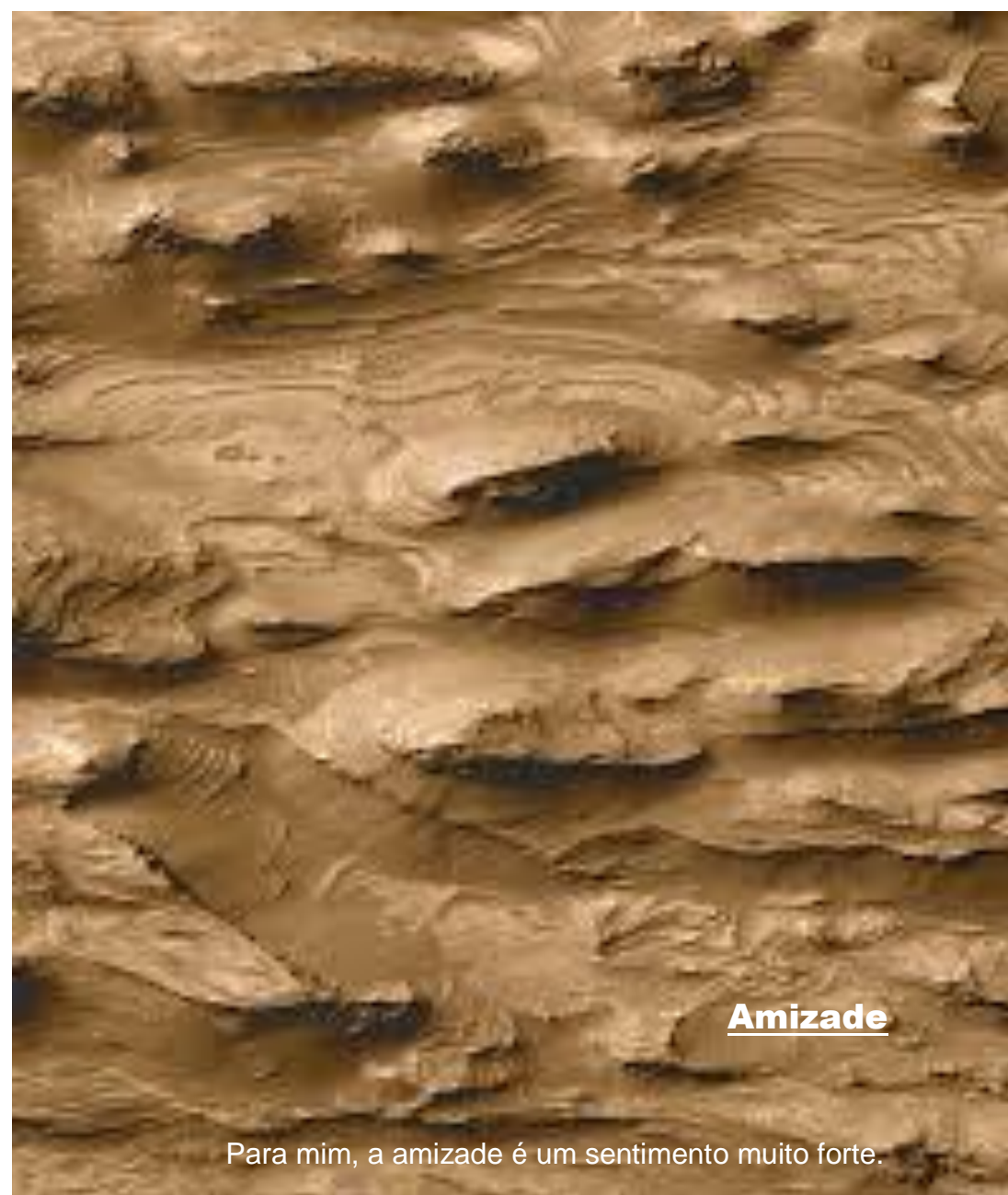
Os empregados assim o fizeram. O rei levou a princesa numa visita ao castelo e, a certa altura, apareceu um belo jovem, de cabelos loiros e olhos azuis. Chamava-se Niall e era o príncipe de Inglaterra. Foi amor à primeira vista!...

A princesa apaixonou-se pelo príncipe e ele por ela. O rei de Inglaterra logo os casou numa cerimónia muito especial.

Viveram muitos anos juntos sempre apaixonados e felizes.

Dalila Lagartinho, 7.º B





## Amizade

Para mim, a amizade é um sentimento muito forte.

Não consiste só em ter um amigo ou deixar de o ter. É, sim, um sentimento que todos nós temos e sentimos, apesar de não o vemos... É um amor inexplicável!

Na minha opinião, todos nós temos aquela pessoa à qual chamamos de “melhor amigo”. É aquele amigo que sabemos que está ao nosso lado para tudo.

No meu caso, eu tenho uma amiga espetacular. É inteligente e sabe muito bem o que faz. Sem ela não sei quem seria... É aquela rapariga ou amiga que não me deixa sozinha, ajuda-me em tudo o que preciso mesmo quando estou em sarilhos. Ela, sim, é importante, faz-me muita falta, e eu gosto muito dela, não pelo que ela tem, mas pelo que ela é. Cada um tem aquele amigo especial, e quando se fala dele, nem sequer existem palavras.

Resumindo, um amigo verdadeiro é aquele que nos ajuda sem pedir nada em troca. É aquele que, apesar de tudo, nunca deixa de ser quem é perante nós. Um amigo verdadeiro é sim aquele que não deixa de gostar de nós, seja pelo que for, nem mesmo pelos nossos erros.

Os verdadeiros amigos são aqueles que nos dão sempre a mão no que é preciso.



Verónica Almeida, 7.ºF



**Parece impossível mas sou...**

Parece impossível,

mas sou uma máquina.

Uma máquina irrequieta, “imperativa”, que precisa de energia para trabalhar ou mesmo para se movimentar, como o gás, gasolina, óleo e água.

Mas eu sou uma pessoa, também preciso de energia, só que não deste tipo. Como todos nós sabemos, a nossa energia é a comida, água, dormir, etc..

Eu acho que me identifico com uma máquina, porque sou bastante “imperativa”, irrequieta e não me canso muito facilmente!

Como sabemos, as máquinas têm o dom de fazer alguma coisa invulgar.

Visto que eu me pareço com uma máquina, também tenho um dom: fazer coisas incríveis, como este texto. Não digo perfeitas, porque nem tudo é perfeito, mas coisas esplêndidas, com alguma perfeição.

*Eugêlia Martins, 7.º G*





**O Meu Pé De Laranja Lima**

O livro *O Meu Pé De Laranja Lima* narra uma história muito realista,

sendo assim, na minha opinião, um livro tocante, pois abrange assuntos sérios, como a pobreza e a violência, como Zezé, que era pobre e, como ele dizia, “apanhava de todos”, mas também engraçado, pois narra as suas aventuras e alhadas em que se metia, como quando arranhou uma meia que parecia uma cobra e assustava as pessoas que por ali passavam.

Acho que esta história se pode relacionar com um tema muito falado hoje em dia denominado pobreza. Todos os dias, nos telejornais, se ouve algo relacionado com isso. Zezé e sua família eram pobres e tinham uma vida difícil, tal como falado nas notícias.

Posso também relacioná-lo com a mudança dos tempos. Os costumes mudaram e as pessoas também, mas algumas tradições ainda permanecem connosco; exemplo disso é o “diabo” dentro de algumas crianças. Um aspecto que mudou foi a violência, mas mudou para pior! Cada vez há mais vítimas de violência doméstica.

A meu ver, era um bom livro, mas não me agradou o final, pois foi muito triste a forma como o menino reagiu a tudo.

Ana Isabel, 9.º D





***O Diário de Anne Frank***

A situação vivida pela família Frank que considerei mais dramática



para a sua sobrevivência foi quando Mr. Kleiman, Bep e Miep não puderam visitá-los durante um período de tempo (mesmo que eles tivessem ainda Mr. Kugler, era muito trabalho para um homem só), pois assim estes três não lhes puderam levar alimentos nem notícias. Fiquei também assustada quando Anne suspeitou que um mês depois podiam já não ter alimentos.

A personagem que mais gostei, sem contar com Anne, foi Otto Frank, o seu pai. Anne estava constantemente a elogiá-lo e pareceu-me bastante compreensivo, simpático e paciente. Além disso, teve a amabilidade de deixar, no seu testamento, o diário a uma fundação que, editado, foi publicado pela *Anne Frank Fonds*.

Após tanto tempo presa no Anexo, acho que levaria Anne à sua antiga escola, visto que ela poderia matar saudades do edifício e dos amigos sobreviventes. Na minha opinião, Anne preferiria ir entregar o seu diário para o país o ter como uma “recordação” da guerra ou um testemunho de como foi passar por ela.

A perseguição de pessoas com uma opinião, gosto ou crença diferente é horrível! Só de pensar na quantidade de pessoas, durante toda a História, que sofreu por acreditar em algo diferente, tendo ou não razão... As pessoas, felizmente, na maior parte do Mundo, podem finalmente ter liberdade de expressão! Não sei como viveria sem essa “coisa” maravilhosa. Como se costuma dizer: “Não faças aos outros o que não gostas que te façam a ti!”



Inês Jesus, 8.ºB



## **A nova escola**

Quando entrei para esta linda e magnífica escola, pensei

que ia ser “horível”. Visualmente, pareceu-me enorme e apeteceu-me fugir.

O primeiro dia de aulas costuma ser muito engraçado. Porém, comecei a sentir que esta nova escola ainda era melhor que a do primeiro ciclo.

Agora adoro esta linda e maravilhosa escola, bem como os novos amigos que fiz, destacando-se a Diana Santos, que considero a minha melhor amiga.

Esta escola é única, pois tem uma decoração diferente de todas as outras que conheço, como cortinados, beleza própria! Claro que, como todas as outras, também existem alguns casos de alunos com mau comportamento.

A minha turma não é perfeita, mas eu adoro-a.

Espero que esta nova fase da minha vida seja feita com tanto rigor e felicidade como o ano passado.

Este é o «mundo» que eu escolhi!

Carolina Maria Félix Carvalho, 6ºA



